

SEMANA

38

1

Dia

Lucas 14.15-24

A Parábola da Grande Ceia

Muito nos instrui esta parábola, ela foi proferida como resposta a uma observação feita por um homem que estava à mesa com Jesus na casa do fariseu. O homem disse: *“Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus”*. Não sabemos com exatidão qual o objetivo dessa declaração. É provável que seu autor pertencia à classe de pessoas que desejam ir ao céu e gostam de ouvir conversas sobre coisas espirituais, mas não passam disso. Nosso Senhor aproveitou a ocasião para recordar-lhe, bem como a todos os outros ouvintes, por meio da parábola da grande ceia, que o reino de Deus pode ser ofertado aos homens e, assim mesmo, ser rejeitado espontaneamente, tornando-se eles perdidos para sempre.

Vemos aqui que Deus fez uma grande provisão para a salvação das almas dos homens. Temos, então, o significado das palavras *“Certo homem deu uma grande ceia e convidou muitos”*. Nisso consiste o evangelho: ele contém um suprimento completo de tudo que os pecadores necessitam para serem salvos. Naturalmente somos todos famintos, vazios, desamparados e estamos prontos a perecer. Perdão para todos os pecados, paz com Deus, justificação, santificação, graça na jornada terrena e glória na vida além são as graciosas provisões que Ele preparou para atender as necessidades de nossa alma. Não existe nada que os corações sobrecarregados pelo pecado desejam ou as consciências fatigadas exijam que em Cristo não sejam colocados diante dos homens em rica provisão. Em poucas palavras, Cristo é a síntese e a substância da *“grande ceia”*. *“Eu sou o pão da vida”*, Ele declarou, *“o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede”*; *“Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna”*; *“A minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida”* (João 6.35, 54, 55).

Somos ensinados que as ofertas e os convites do evangelho são generosos e amplos. O Senhor Jesus disse que o patrono da ceia *“enviou o seu servo para avisar aos convidados: Vinde, porque tudo já está preparado”*. Da parte de Deus, nada está em falta para a salvação do homem. Se o homem não é salvo, a culpa não está em Deus. O Pai está disposto a receber todos os que vierem a Ele por meio de Cristo. O Filho está pronto para purificar os pecados de todos os que vierem a Ele, pela fé. O Espírito Santo está pronto para habitar em todos os que o pedirem ao Pai. Em Deus existe uma disposição infinita para salvar os homens, se tão somente eles estiverem dispostos a serem salvos.

Há plena certeza para os pecadores que se aproximam de Deus por meio de Cristo. O vocábulo *“vinde”* se estende a todos, sem exceção. Os homens que trabalham intensamente por sua salvação, sentem-se cansados? *“Vinde a mim”*, disse Jesus, *“todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei”* (Mateus 11.28). Estão sedentos? *“Se alguém tem sede”*, afirmou Jesus, *“venha a mim e beba”* (João 7.37). São pobres e famintos? *“Vinde”*, declarou Jesus, *“comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite”* (Isaías 55.1). Nenhum homem jamais poderá dizer que não teve qualquer encorajamento para buscar a salvação. As

palavras de nosso Senhor devem silenciar todos os que criam obstáculos: *“O que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora”* (João 6.37).

Esta parábola nos ensina que muitos dos que recebem os convites do evangelho se recusam a aceitá-las. Jesus nos contou que, quando o servo anunciou que tudo estava pronto, aqueles que haviam sido convidados começaram a se escusar. Todos apresentaram desculpas triviais. Em um ponto, todos estavam de acordo: não queriam vir.

A parábola contém uma ilustração vívida da resposta que o evangelho está constantemente recebendo, em todos os lugares em que é proclamado. Milhões de pessoas estão continuamente fazendo aquilo que a parábola descreve. São convidados a vir a Cristo, mas não querem vir. Não é a ignorância em relação ao cristianismo que arruína as almas dos homens; é a falta de vontade para usar o conhecimento que possuem ou o amor por este mundo. Não é a imoralidade explícita que está enchendo o inferno; é a excessiva atenção às coisas que, em si mesmas, são legítimas. Não devemos temer o ousado desprazer para com o evangelho e, sim, o espírito de procrastinação e de desculpas que está sempre pronto a mostrar uma razão por que não pode servir a Cristo hoje. As palavras de nosso Senhor sobre este assunto devem se arraigar em nosso coração. A incredulidade e a imoralidade, sem dúvida, têm destruído os seus milhares, mas as desculpas plausíveis, gentis, proferidas com cortesia, têm destruído os seus dez milhares. Nenhuma desculpa pode justificar um homem, ao recusar o convite de Deus e não vir a Cristo.

Por último, esta parábola nos ensina que Deus deseja intensamente a salvação de almas e que sejam utilizados todos os meios para garantir a aceitação de seu evangelho. Quando os primeiros convidados recusaram vir à ceia, *“voltando o servo, tudo contou ao seu senhor. Então, irado, o dono da casa disse ao seu servo: Sai depressa para as ruas e becos da cidade e traze para aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos”*. Após o servo executar a ordem, ainda havia lugar, e o senhor lhe ordenou: *“Sai pelos caminhos e atalhos e obriga a todos a entrar, para que fique cheia a minha casa”*.

O significado dessas palavras admite pouca discussão. Com certeza, elas nos justificam, quando afirmamos que ilustram o imenso amor e a compaixão de Deus para com os pecadores. A longanimidade de Deus é inesgotável. Se alguns não aceitam a verdade, Ele convidará outros em lugar desses. Sua compaixão pelos pecadores não é algo fingido ou imaginário. Deus está infinitamente disposto a salvar almas. Acima de tudo, essas palavras justificam cada pastor e pregador do evangelho, quando empregam todos os recursos possíveis para despertar os pecadores e convertê-los de seus pecados. Se não quiserem vir à igreja, devemos visitá-los em suas casas. Se não quiserem ouvir a pregação do evangelho no culto público, precisamos estar dispostos a pregá-lo de casa em casa. Não devemos sequer ter receio de utilizar palavras graves. Temos de pregar *“quer seja oportuno, quer não”* (2 Timóteo 4.2).

Temos de lidar com muitas pessoas não convertidas como pessoas que estão quase dormindo, quase totalmente fora de si, sem plena consciência do estado em que se encontram. Temos de apresentar insistentemente o evangelho à atenção delas, fazendo-o por repetidas vezes. Temos de clamar em voz alta e não poupar oportunidades. Temos de lidar com elas como se fossem pessoas que estão prestes a cometer suicídio. Devemos falar a elas

como se estivéssemos arrancando um tição do fogo. Temos de afirmar: *“Não posso (...) não ousarei permitir que vocês continuem avançando para a ruína de sua própria alma”*. As pessoas do mundo não podem entender uma tão zelosa maneira de agir. Elas podem zombar e escarnecer de qualquer zelo ou fervor no cristianismo verdadeiro, considerando-o fanatismo. Mas o "homem de Deus", que deseja realizar a obra de um evangelista, pouco se importará com o que os homens do mundo dizem. Ele se lembrará das palavras da parábola e convidará os homens a entrarem.

Terminemos nossas considerações sobre esta parábola examinando a nós mesmos com seriedade. Ela deve falar conosco nos dias atuais. É um convite do evangelho que se dirige tanto a nós quanto aos judeus. O Senhor Jesus está nos dizendo constantemente: *“Vinde ao banquete (...) Vinde a mim”*. Já aceitamos o convite de Jesus? Ou estamos respondendo: *“Não posso vir”*. Se morrermos sem vir a Cristo, seria melhor não haveremos nascido.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

2

Dia

Calculando o Preço; O Sal Perdeu o Sabor

Lucas 14.25-35

Aprendemos que os verdadeiros crentes têm de estar dispostos a desistir de tudo, por amor a Cristo, se for necessário. A lição é ensinada por meio de uma linguagem notável. Nosso Senhor disse: *“Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo”* (Lucas 14.26).

Sem dúvida, esta expressão tem de ser interpretada com algum esclarecimento. Nunca devemos explicar qualquer texto das Escritas de tal maneira que ele venha a contradizer outro texto. Nosso Senhor não tencionava que entendêssemos que o verdadeiro cristão tem o dever de odiar seus parentes. Isto seria contrário ao quinto mandamento. Ele apenas pretendia dizer que seus seguidores devem amá-lo com um profundo amor, mais intenso do que o amor manifestado em seu relacionamento com pessoas queridas e achegadas e do que o amor a suas próprias vidas. O Senhor Jesus não desejava ensinar que contender com nossos amigos e parentes é uma parte essencial do cristianismo; porém, estava dizendo que, se as reivindicações de nossos parentes e amigos entrarem em conflito com as dele mesmo, precisamos deixar de lado as reivindicações de nossos parentes e amigos. Antes, devemos escolher desagradar aqueles que amamos na terra do que desagradar Aquele que morreu por nós na cruz.

A exigência que o Senhor Jesus coloca sobre nós é peculiarmente severa, no entanto, é uma exigência sábia e necessária. A experiência demonstra que, tanto na igreja como em nossa própria pátria e nos campos missionários longínquos, alguns dos inimigos da alma de um homem são, em muitas ocasiões, os seus próprios parentes. Às vezes, acontece que o maior obstáculo no caminho de uma pessoa despertada em sua consciência é a oposição de amigos e parentes. Pais incrédulos não podem suportar ver seus filhos assumindo uma nova postura referente às coisas espirituais. Mães ímpias ficam irritadas ao verem suas filhas sem vontade de participarem nas atividades do mundo. Conflito de opiniões ocorre sempre que a graça divina adentra em uma família. Então surge aquele tempo em que o verdadeiro seguidor de Cristo tem de lembrar a essência das palavras de nosso Senhor nesta passagem e precisa estar disposto a ofender seus familiares, ao invés de ofender a Cristo.

Estes versículos nos mostram que os interessados em seguir a Cristo devem ser advertidos a *“calcular”* o preço. A lição foi proferida tendo em vista as multidões que seguiam a Jesus, sem qualquer ponderação e estimativa do custo, e reforçada pelo uso de ilustrações extraídas do guerrear e do edificar. É uma lição útil em qualquer época da História da Igreja. Ser um verdadeiro cristão custa alguma coisa. Jamais o esqueçamos. Ser um cristão nominal e ir à igreja é algo barato e fácil. Mas ouvir a voz de Cristo, segui-lo, crer nele e confessá-lo exige muita renúncia. Custa a nossa justiça própria, nossos pecados, nossa tranquilidade e nosso mundanismo. Tudo, tudo precisa ser abandonado. Temos de lutar contra um inimigo que vem contra nós com vinte mil seguidores. Precisamos construir uma torre em tempos difíceis.

Nosso Senhor desejava que entendêssemos isso completamente. Ele nos ordena a “*calcular*” o preço.

Por que nosso Senhor utilizou essa linguagem? Pretendia desencorajar os homens a se tomarem seus discípulos? Tinha o propósito de fazer que o caminho da vida parecesse ainda mais estreito? Não é difícil achar uma resposta para tais perguntas. Nosso Senhor se manifestou a fim de evitar que os homens o sigam com leviandade e imprudência, motivados apenas por sentimentos e estímulos naturais, que na hora da provação desaparecem. Ele sabia que nada causa tantos males ao verdadeiro cristianismo quanto a apostasia; também estava certo de que nada produz tanta apostasia quanto o permitir que as pessoas venham a Cristo sem conscientizá-las do compromisso que realmente estão assumindo. O Senhor Jesus não tinha desejo de ampliar seu número de seguidores por admitir soldados que fracassariam na hora da necessidade. Por esse motivo, proferiu essa advertência. Ele ordena a todos os que pensam em segui-lo a avaliarem o custo, antes de começarem.

Com muita frequência, pessoas se tornam crentes fundamentadas na ilusão pessoal e são encorajadas a pensarem que se converteram, quando na realidade ainda são incrédulas. Os sentimentos são confundidos com a fé. Imaginam que convicções pessoais constituem a graça divina. Essas coisas não devem nos enganar. Sim, encorajemos aqueles que estão no início da vida espiritual em suas almas, entretanto, jamais insistamos que prossigam adiante sem contar-lhes o que está envolvido no verdadeiro cristianismo. Nunca ocultemos deles a batalha e o labor intenso. Digamos: “*Venham conosco*”, mas também: “*Calculem o preço*”.

Por último, aprendemos destes versículos quão miserável é a condição daqueles que rejeitam a Cristo e apostatam. É uma lição intimamente ligada a anterior. A necessidade de calcular o preço é reforçada por uma ilustração que retrata as consequências de alguém não fazer isso. Aquele que confessou aceitar a Cristo e dele se afastou é semelhante ao sal que se torna “*insípido*”. Esse tipo de sal é completamente inútil, pois não “*presta para a terra, nem mesmo para o monturo; lançam-no fora*”. A condição desse sal é semelhante à de um apóstata. Não admiremos que nosso Senhor disse: “*Quem tem ouvidos para ouvir, ouça*”.

A verdade que nosso Senhor destaca é bastante dolorosa, mas útil e necessária. Lembremos que nenhum homem se encontra em um estado tão perigoso quanto aquele que conhecia a verdade, professava amá-la e, posteriormente, abandonou sua confissão e retornou ao mundo. Você não poderá falar-lhe sobre nada que ele desconheça ou mostrar-lhe alguma doutrina que ele nunca ouviu. Ele não pecou por ignorância como muitas pessoas, mas abandonou a Cristo tendo os olhos abertos. Pecou contra um Deus que conhecia. A situação do apóstata é quase desesperadora. Para Deus tudo é possível; todavia, está escrito: “*É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados (...) e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento*” (Hebreus 6.4 e 6).

Meditemos bem sobre tais verdades, as quais nunca serão suficientemente consideradas. Jamais devemos ter receio de servir a Cristo. Mas comecemos a servi-lo com seriedade, ponderação e devida avaliação do compromisso que estamos assumindo. E, após começarmos, supliquemos graça para que sejamos perseverantes e jamais nos afastemos dele.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

3

Dia

As Parábolas da Ovelha e da Dracma Perdida

Lucas 15.1-10

O capítulo iniciado por estes versículos é bastante conhecido pelos leitores da Bíblia. Poucos capítulos das Escrituras têm produzido tanto benefício às almas dos homens quanto o capítulo quinze do Evangelho de Lucas. Por isso, estejamos atentos para que o faça também a nós.

Primeiramente, devemos observar nestes versículos o testemunho notável que os inimigos de nosso Senhor proferiram a seu respeito. Quando *“aproximavam-se de Jesus todos os publicanos e pecadores para o ouvir”*, os fariseus e os escribas murmuravam, *“dizendo: Este recebe pecadores e come com eles”*.

São palavras certamente pronunciadas com surpresa e zombaria, não com prazer e admiração. Os ignorantes guias dos judeus não podiam entender um pregador de coisas espirituais que se relacionava com pessoas ímpias. No entanto, suas palavras resultaram em bênção. A mesma afirmativa que os líderes religiosos dos judeus utilizaram para reprovar Jesus foi adotada por Ele como uma verdadeira descrição de seu ofício. A afirmativa deles levou Cristo a proferir três parábolas muito instrutivas.

O testemunho dos escribas e fariseus foi completo e literalmente verdadeiro. De fato, o Senhor Jesus é Aquele que *“recebe pecadores”*. Ele os recebe para perdoá-los, santificá-los e prepará-los para ir ao céu; é seu ministério especial. Foi para isso que Cristo veio ao mundo. Não veio chamar justos e sim pecadores ao arrependimento e salvá-los. Aquilo que Ele era, enquanto esteve na terra, hoje Ele é, à direita de Deus, e o será por toda a eternidade. Enfaticamente, o Senhor Jesus é o amigo dos pecadores.

Temos algum senso de pecado? Percebemos que somos ímpios, culpados e merecedores da ira de Deus? As recordações de nossa vida são desagradáveis para nós? Lembrar nossa conduta passada nos deixa envergonhados? Então, somos as pessoas adequadas que devem recorrer a Cristo, assim como somos, não apresentando-lhe qualquer mérito pessoal e vindo a Ele sem demora. Cristo nos receberá de maneira graciosa, perdoará gratuitamente e nos outorgará a vida eterna. O Senhor Jesus é Aquele que *“recebe pecadores”*. Não percamos nossa alma por deixarmos de recorrer a Ele, para que sejamos salvos.

Em segundo, devemos observar nestes versículos as admiráveis figuras que nosso Senhor utilizou para descrever seu amor para com os pecadores. Em resposta à notável acusação de seus inimigos, Ele contou três parábolas - a da ovelha perdida, a da moeda perdida e a do filho pródigo. As duas primeiras estão relatadas no texto que ora consideramos. Todas as três foram proferidas com o propósito de ilustrar a mesma e única verdade; explicam com bastante clareza a disposição de Cristo para salvar os pecadores.

O amor de Cristo é ativo e realizador. Assim como o pastor não ficou sentado, quieto, lamentando sua ovelha perdida, e a mulher não permaneceu imóvel, passiva, chorando por

sua moeda perdida, assim também nosso bendito Senhor não ficou nos céus se condoendo dos pecadores. Ele deixou a glória que possuía ao lado do Pai e humilhou-se, tornando-se semelhante aos homens. Veio ao mundo para buscar e salvar o perdido. Não descansou até que consumou a expiação por nossos pecados, trazendo-nos justiça eterna, providenciando redenção eterna e abrindo a porta da vida para todo o que deseja ser salvo.

O amor de Cristo é caracterizado por renúncia própria. O pastor trouxe em seus ombros a ovelha perdida de volta ao lar, ao invés de abandoná-la no deserto. A mulher acendeu uma lâmpada, varreu a casa, procurou diligentemente e não poupou esforços, até que achou a sua dracma perdida. Assim também Cristo não poupou a si mesmo, quando veio ao mundo para salvar os pecadores. Ele *“suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia”* (Hebreus 12.2). O Senhor Jesus entregou sua *“própria vida em favor dos seus amigos”*; *“maior amor do que este”* jamais poderá ser demonstrado (João 15.13).

O amor de Cristo é intenso e profundo. Assim como o pastor se regozijou por encontrar a sua ovelha e a mulher, por achar a sua dracma, assim também o Senhor Jesus se regozija em salvar pecadores. É um genuíno prazer para Ele arrebatá-los como tições do fogo. Sua *“comida e bebida”*, enquanto estava na terra, consistia em consumir a obra que viera realizar. Ele ficou angustiado de espírito, enquanto não a consumou; e ainda deleita-se em manifestar misericórdia. Cristo está mais disposto a salvar os pecadores do que estes a serem salvos.

Esforcemo-nos para saber algo a respeito do amor de Cristo. É um amor que, de fato, ultrapassa todo entendimento; é insondável e indescritível. É o amor no qual precisamos descansar completamente nossa alma se desejamos ter paz no presente e glória na eternidade. Se achamos consolação em nosso amor para com Cristo, estamos edificando sobre um alicerce arenoso. Mas se confiamos no amor de Cristo para conosco, estamos sobre uma rocha firme.

Por último, devemos observar nestes versículos o grande encorajamento que nosso Senhor ofereceu em referência ao arrependimento. Lemos as palavras impressionantes: *“Haverá (...) júbilo no céu por um pecador que se arrepende”*. Encontramos a ideia novamente na mesma passagem: *“Há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende”*. É uma verdade transmitida duas vezes para tornar impossível qualquer dúvida.

Sem dúvida, encontramos ensinamentos profundos nas afirmativas bíblicas. Nossas mentes frágeis têm pouca capacidade para entender como o regozijo no céu pode crescer em intensidade. No entanto, uma coisa se destaca claramente: existe uma infinita prontidão da parte de Deus para receber os pecadores. Embora uma pessoa tenha sido muito ímpia, no dia em que ela verdadeiramente se converte de sua impiedade e, por meio de Cristo, se achega a Deus, Ele se mostra intensamente satisfeito. Ele não tem prazer na morte do ímpio, mas, sim, em que este realmente se arrependa.

Aquele que tem receio de se arrepender deve meditar sobre a passagem que estamos considerando e nunca mais se sentir receoso. Da parte de Deus, nada existe que justifique seus temores. Uma porta aberta tem sido colocada diante dele. Um perdão gratuito o aguarda. *“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar”*

de toda injustiça” (1 João 1.9). Aquele que se envergonha de se arrepender considere estes versículos e lance fora toda a sua vergonha. O que importa, se o mundo o desprezar e zombar de seu arrependimento? Enquanto os homens estão escarnecendo, os anjos estão se regozijando. A mudança que os incrédulos chamam de tolice é a mesma que enche os céus de regozijo.

Já nos arrependemos? Afinal de contas é a grande pergunta que deve nos inquietar. Que proveito há em conhecer o amor de Cristo, se desse amor deixamos de nos beneficiar? *“Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes”* (João 13.17).

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

4

Dia

Lucas 15.11-24

A Parábola do Filho Pródigo

A parábola que agora consideramos é habitualmente conhecida como “a parábola do filho pródigo”. Poderia muito bem ser qualificada como uma poderosa ilustração espiritual. Diferentemente de muitas das parábolas de nosso Senhor, ela não transmite apenas uma grande lição, mas várias lições. Todas as suas partes são particularmente ricas em instruções.

Primeiramente, encontramos nela um homem seguindo a inclinação natural de seu coração. Nosso Senhor nos mostrou um “filho mais moço” que se apressou em seguir seu próprio caminho, partiu para uma terra distante, longe da casa de um pai bondoso, e “lá dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente”.

Temos aqui um retrato fiel da mentalidade com a qual todos nascemos. Somos semelhantes a esse rapaz. Por natureza, somos orgulhosos e voluntariosos. Não temos prazer na comunhão com Deus. Apartamo-nos dele, indo para bem distante de sua pessoa. Desperdiçamos nosso tempo, energias, capacidades, afeições em coisas inúteis. O avarento faz isso de uma maneira, já o escravo das concupiscências e paixões e aquele que ama os prazeres o fazem de outra. Somente em um ponto todos concordam. Por natureza, todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desvia seguindo seu próprio caminho (Isaías 53.6). Na conduta do filho mais moço, vemos o coração do homem natural.

Aquele que nada sabe sobre as verdades aqui demonstradas tem muito a aprender. Está espiritualmente cego. Os olhos de seu entendimento precisam ser abertos. A pior ignorância do mundo é não conhecermos a nós mesmos. Feliz é aquele que foi liberto do reino das trevas e tornou-se consciente de sua própria situação. De muitas pessoas poderia ser dito: “Eles nada sabem, nem entendem; vagueiam em trevas” (Salmo 82.5).

Em segundo, vemos nesta parábola um homem descobrindo, por meio de amarga experiência, que os caminhos de pecado são árduos. Nosso Senhor nos mostra o filho mais moço desperdiçando todos os seus bens, sendo reduzido à condição de necessitado, obrigado a assumir o trabalho de “guardar porcos” e sentindo-se tão faminto, que estava disposto a “fartar-se das alfarrobas que os porcos comiam; mas ninguém lhe dava nada”. São palavras que descrevem uma situação muito comum entre os homens. O pecado é um senhor severo, e seus servos sempre descobrem isso, mais cedo ou mais tarde, com prejuízo de si mesmos. Pessoas incrédulas nunca são verdadeiramente felizes. Professando serem pessoas de espíritos otimistas e alegres, frequentemente estão inquietas em seu íntimo. Milhares e milhares estão enojados em seu coração, insatisfeitos consigo mesmos, cansados de seguirem seus próprios caminhos e completamente intranquilos. “Há muitos que dizem: Quem nos dará a conhecer o bem?” (Salmo 4.6). “Para os perversos, diz o meu Deus, não há paz” (Isaías 57.21).

É uma verdade, embora os incrédulos procurem negá-la; e devemos guardá-la no profundo de nosso coração. “O caminho dos perversos é intransitável” (Provérbios 13.15). A miséria íntima do homem natural é excessivamente grande. Existe uma fome em seu íntimo,

ainda que muitos se esforcem para ocultá-la. Eles estão passando “*necessidade*”. Aquele que “*semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção*” (Gálatas 6.8). Não estranhemos que Paulo tenha dito: “*Naquele tempo, que resultados colhestes? Somente as coisas de que, agora, vos envergonhais*” (Romanos 6.21).

Em terceiro, vemos nesta parábola um homem despertado para o senso de sua condição natural e decidido a se arrepender. Nosso Senhor nos conta que o filho mais moço, “*caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com o meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti*”. Os pensamentos de muitos são retratados nitidamente aqui. Milhões de pessoas têm raciocinado dessa maneira e dizem para si mesmas estas coisas todos os dias. E devemos ser gratos a Deus, quando vemos tais pensamentos surgirem em suas mentes. Pensar tais coisas não implica em uma mudança de coração, mas pode ser o começo. Convicção não é conversão, mas, de qualquer maneira, é um passo na direção certa. Porém a ruína de muitas pessoas ocorre simplesmente por esse motivo: elas não meditam nas circunstâncias de maneira alguma.

Entretanto, uma palavra de cautela sempre é necessária. Os homens precisam estar cientes de que não devem se limitar apenas a pensar. Nutrir bons pensamentos sempre é bom para a alma, mas não resultam no cristianismo que salva. Se o filho pródigo não tivesse ido além de pensar, teria permanecido longe de casa até ao dia de sua morte.

Em quarto, vemos nesta parábola um homem se convertendo a Deus com verdadeiro arrependimento e fé. Nosso Senhor nos mostra o filho pródigo abandonando a terra longínqua onde estava e retornando à casa de seu pai, colocando em prática as boas intenções que tivera e confessando sem reservas seu pecado. “*E, levantando-se, foi...*”. O jovem apresenta um autêntico arrependimento e uma conversão verdadeira. O coração em que se iniciou a genuína obra do Espírito Santo jamais ficará contente em somente pensar e decidir. Ele romperá com o pecado e abandonará sua companhia. Cessará de fazer o mal e aprenderá a praticar o bem. Há de se converter a Deus com humilde oração e confessará suas iniquidades. Não tentará justificar seus pecados. Ele dirá, assim como Davi: “*Eu conheço as minhas transgressões*” (Salmo 51.3); ou como o publicano: “*ó Deus, sê propício a mim, pecador!*” (Lucas 18.13). Acautelemo-nos de qualquer falso arrependimento que não possui tais características. Agir é a própria essência do “*arrependimento para a salvação*” (2 Coríntios 7.10). Sentimentos, lágrimas, remorsos, desejos, resoluções são inúteis, se não forem acompanhados por ação e mudança de vida. De fato, são piores do que inúteis. Inconscientemente, tais coisas cauterizam a consciência e endurecem o coração.

Por último, vemos nesta parábola o arrependido sendo prontamente aceito, gratuitamente perdoado e declarado justo por Deus. Nosso Senhor o demonstra de maneira comovente na parte final da história do filho pródigo. Jesus disse: “*Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. O pai, porém, disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. E começaram a*

regozijar-se".

Talvez nunca foram escritas palavras mais emocionantes e comentá-las parece quase desnecessário, pois seria algo semelhante a dourar o ouro ou branquear os lírios. Elas nos mostram, em letras grandes, o infinito amor do Senhor Jesus para com os pecadores. Ensinam quão infinitamente disposto Jesus se mostra em receber todos os que vêm a Ele e quão completo e imediato é o perdão que Ele está pronto para outorgar. *"Por meio dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas"* (Atos 13.39). *"Tu, Senhor, és bom e compassivo; abundante em benignidade para com todos os que te invocam"* (Salmo 86.5).

A ilimitada misericórdia de nosso Senhor deve ser gravada profundamente em nossa memória e arraigada em nosso coração. Jamais esqueçamos: Ele *"recebe pecadores"*. Ao Senhor Jesus e à sua misericórdia, os pecadores devem recorrer, quando manifestam seus primeiros desejos de salvação. É em Jesus e em sua misericórdia que os crentes têm de viver, quando foram ensinados a se arrepender e creram. O apóstolo Paulo disse: *"Esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim"* (Gálatas 2.20).

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

5

Dia

Lucas 15.25-32

O Irmão do Filho Pródigo

Encontramos aqui a conclusão da parábola do filho pródigo. São menos conhecidos do que os anteriores. Mas foram proferidos pelos mesmos lábios que descreveram o retorno do filho mais moço à casa de seu pai. À semelhança de todas as coisas ditas por aqueles lábios, estes versículos se mostrarão bastante proveitosos.

Esta passagem nos ensina quão maldosos e insensíveis são os sentimentos demonstrados aos pecadores por aquelas pessoas que se consideram justas aos seus próprios olhos. Nosso Senhor nos ensina ao descrever a conduta do irmão “*mais velho*” do filho pródigo. Ele o mostrou indignado, encontrando erro na alegria resultante da chegada de seu irmão. Jesus o descreveu como alguém que reclamou a seu pai por este haver tratado muito bem o filho pródigo que retornara, enquanto ele mesmo nunca fora tratado tão bem quanto seus méritos o exigiam. O Senhor Jesus mostrou o filho “*mais velho*” sendo completamente incapaz de compartilhar da alegria que prevaleceu, quando seu irmão mais moço voltou para casa, e dando expressão a seus pensamentos invejosos e impertinentes. É uma descrição dolorosa, mas bastante instrutiva.

Por um lado, o irmão mais velho, citado na parábola, é uma figura exata dos judeus da época de nosso Senhor. Eles não podiam suportar a ideia de que os gentios, seu irmão mais moço, estavam sendo feitos participantes de seus privilégios. De bom grado, os judeus os teriam excluído do favor de Deus. Recusavam-se tenazmente a reconhecer que os gentios eram coerdeiros e participantes de Cristo, juntamente com eles. Em tudo, os judeus estavam agindo exatamente como o irmão “*mais velho*” do filho pródigo.

Por outro lado, o irmão mais velho é uma figura autêntica dos escribas e fariseus da época de nosso Senhor. Argumentavam contra nosso Senhor, porque Ele recebia os pecadores e comia com eles. Reclamavam porque Ele abria a porta de salvação aos publicanos e meretrizes. Os escribas e fariseus teriam ficado muito mais satisfeitos se Jesus tivesse limitado a eles seu ministério e deixado sozinhos os ignorantes e pecadores. Nosso Senhor percebeu esse estado de coisas e o retratou de maneira inigualável na pessoa do irmão “*mais velho*”.

Ainda, e não menos significativo, o irmão mais velho é uma figura exata de uma grande classe de pessoas que fazem parte do cristianismo de nossos dias. Em todos os lugares, existem milhares que não apreciam o fato de que seja pregado um evangelho gratuito, completo e ilimitado. Sempre reclamam que os pastores tornam muito ampla a porta da salvação e que a doutrina da graça tende a promover licenciosidade. Quando nos deparamos com tais pessoas, devemos recordar a passagem que agora estamos considerando. Elas ecoam a voz do irmão “*mais velho*”.

Acautelemo-nos de que a atitude daquele “*irmão mais velho*” inficione nossa alma. Em parte, ela resulta de ignorância. Começa a surgir no íntimo das pessoas porque não percebem sua própria pecaminosidade e indignidade; então, elas imaginam que são melhores

do que outras e que ninguém é digno de ser colocado ao seu lado. Essa atitude surge também, em parte, por falta de amor. Os homens estão carentes de sentimentos amáveis para com seu próximo; por isso, são incapazes de sentir prazer quando outros são salvos. Acima de tudo, ela provém de um entendimento completamente errado quanto à natureza do perdão oferecido no evangelho.

A pessoa que em verdade sente que é por meio da graça que ela permanece firme diante de Deus, reconhece que todos somos devedores à misericórdia divina, que tudo nos foi dado por Ele e que, por isso, nada temos para nos vangloriar - essa pessoa não falará como o irmão *“mais velho”*.

Somos ensinados por meio desta passagem que a conversão de qualquer alma deve ser motivo de alegria para todos os que a veem. Nosso Senhor revelou ao colocar as seguintes palavras nos lábios do pai do filho pródigo: *“Era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado”*.

A lição transmitida primariamente foi dirigida aos escribas e fariseus. Se os corações deles estivessem corretos diante de Deus, jamais teriam murmurado diante do fato de nosso Senhor receber os pecadores. Os escribas e fariseus teriam lembrado que os piores dos publicanos e pecadores eram seus irmãos e que, se eles mesmos eram diferentes, fora tão-somente a graça de Deus que estabeleceria a diferença. Eles teriam ficado alegres por verem tais pecadores desamparados e perdidos voltando ao rebanho. Teriam sentido gratidão ao verem publicanos e pecadores sendo tirados do fogo e não sendo lançados fora para sempre. Infelizmente, os escribas e fariseus não conheciam nenhum desses sentimentos. Cobertos com a máscara de sua justiça própria, murmuraram e acharam errado, quando na realidade deveriam ter agradecido a Deus e se alegrado.

Aqui está uma lição com a qual todos seremos abençoados se a guardarmos no coração. Nada deveria nos trazer mais satisfação do que a conversão dos pecadores. Causa regozijo entre os anjos no céu e deveria levar os crentes a se alegrarem na terra. E se os convertidos anteriormente eram os mais vis dos pecadores? E se eles no passado serviram a Satanás por muito tempo e desperdiçaram suas vidas em dissolução? Isso não implica em nada. A graça de Deus alcançou seus corações? Eles verdadeiramente se arrependeram? Retornaram à casa do Pai? São novas criaturas em Cristo? Eram mortos e foram vivificados? Estavam perdidos e foram achados? Eis as únicas perguntas que temos o direito de fazer. Se puderem ser respondidas satisfatoriamente, temos de nos regozijar.

Os ímpios, se assim o quiserem, que escarneçam e zombem de tais conversões; e os justos, a seus próprios olhos, se assim o desejarem, que murmurem, achem errado e neguem a realidade de todas as grandes e súbitas conversões. Mas os crentes que leem essas palavras de Cristo devem recordá-las e agir de acordo com elas. Agradeçam a Deus e regozijem-se. Adorem a Deus porque mais uma alma foi salva. Digam: *“Este meu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado”*.

Quais são nossos pensamentos sobre o assunto? Afinal de contas, é a pergunta que mais nos deve inquietar. A pessoa que tem profundo interesse em política, esportes, ganhar dinheiro ou adquirir bens, mas não revela qualquer interesse na conversão de almas não é um

verdadeiro crente. Ela mesma está morta e precisa ser vivificada; está perdida e tem de ser achada.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

6

Dia

Lucas 16.1-12

A Parábola do Administrador Infiel

Esta é uma passagem que não será totalmente esclarecida até que o Senhor volte. Com razão, podemos esperar que um livro escrito por inspiração, como a Bíblia, contenha coisas difíceis de entender. A deficiência não está nas Escrituras, mas em nossa frágil capacidade de entender. Se não aprendermos qualquer outra lição desta passagem, aprendamos pelo menos a humildade.

Primeiramente, tenhamos cuidado para não extrair destes versículos lições que eles não pretendem ensinar. O administrador, descrito por nosso Senhor, não é apresentado como um exemplo de moralidade. Ele é claramente chamado de “*administrador infiel*”. O Senhor Jesus nunca tencionou sancionar a desonestidade e procedimentos injustos nos relacionamentos humanos. Esse administrador defraudou a seu senhor e transgrediu o oitavo mandamento. Seu patrão ficou impressionado com sua esperteza e precaução, quando ouviu o que ele havia feito, e mencionou-o como um homem previdente e astuto. Porém, não temos qualquer evidência de que seu senhor tenha ficado satisfeito com suas atitudes. Acima de tudo, não existe nenhuma palavra comprovando que o administrador foi elogiado por Cristo. Em resumo, na maneira de lidar com seu senhor, o administrador é um exemplo a ser evitado e não um modelo a ser seguido.

É uma advertência necessária. A desonestidade nas transações comerciais é muito comum nos últimos dias. Um lidar honesto entre uma pessoa e outra está se tornando cada vez mais raro. Os homens fazem coisas em seus negócios que não suportarão o teste das Escrituras. Apressando-se para “*enriquecer*”, milhões praticam ações que não são estritamente inocentes (Provérbios 28.20). Esperteza e astúcia nas transações comerciais e nos negócios de compra e venda estão frequentemente escondendo coisas que não deveriam ser escondidas. A descendência do “*administrador infiel*” ainda é muito numerosa. Não esqueçamos: sempre que fazemos aos outros aquilo que não queremos que façam conosco, estamos cientes de que, apesar da opinião do mundo, estamos errados aos olhos de Cristo.

Em segundo, observemos que a principal lição da parábola é a sabedoria de prevenir-se contra o mal por vir. A conduta do administrador infiel, quando recebeu a notícia de sua demissão, foi inegavelmente habilidosa e política. Mesmo que foi desonesto em diminuir o valor dos débitos daqueles que deviam a seu senhor, com certeza, ao agir dessa maneira, conquistou muitos amigos. Agindo com impiedade, pensou no futuro. Demonstrando ignomínia em suas providências, fez o bem a si mesmo. Não ficou parado, em indolência, vendo-se levado à pobreza, sem lutar contra isso. Maquinou, planejou e com ousadia executou seus planos. O resultado seria que, ao ser mandado embora daquele emprego, teria outro já garantido.

Que grande contraste existe entre as atitudes deste administrador em referência a seus negócios terrenos e a conduta de muitas pessoas em relação à sua alma. Somente nesse

ponto de vista o administrador oferece um exemplo que todos faremos bem se o seguirmos. Assim como ele, devemos nos precaver contra o dia em que teremos de abandonar nossa habitação terrena; asseguremos uma *“casa eterna, no céu”*, que será nosso lar, quando deixarmos o tabernáculo terrestre deste corpo (2 Coríntios 5.1). Assim como esse administrador, devemos utilizar todos os meios a fim de obter para nós mesmos habitação eterna.

A parábola, considerada desse ponto de vista, é profundamente instrutiva. Pode nos levar a realizar profundos exames em nosso coração. A diligência de pessoas mundanas em referência a coisas terrenas deveria envergonhar a indiferença de muitos crentes professos em relação às coisas da eternidade. O zelo e a pertinácia de homens de negócio, demonstrados em seu empenho para adquirir tesouros da terra, poderia com certeza reprovar a preguiça e a indolência de muitos crentes, no que se refere aos tesouros nos céus. As palavras de nosso Senhor são deveras solenes: *“Os filhos do mundo são mais hábeis na sua própria geração do que os filhos da luz”*. São palavras que devem ser guardadas em nosso coração e produzir frutos em nossa vida.

Por último, observemos nesta passagem a expressão notável que nosso Senhor utilizou para se referir às coisas pequenas, em conexão com a parábola do administrador infiel. Ele disse: *“Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito”*.

Assim, nosso Senhor nos ensina a grande importância da fidelidade rigorosa nas coisas pequenas. Ele nos acautela contra a falsa suposição de que agir nos negócios da mesma maneira que o administrador infiel deve ser considerado um erro insignificante e trivial entre os crentes. Jesus tencionava que nós soubéssemos que as coisas pequenas são o melhor teste de caráter e que a infidelidade nas coisas pequenas é o sintoma de um péssimo estado de coração. Certamente Ele não pretendia dizer que a honestidade com o dinheiro pode justificar nossas almas ou perdoar nossos pecados, mas que a desonestidade na utilização do dinheiro é uma evidência segura de um *“coração que não é reto diante de Deus”*. O homem que não está agindo honestamente com a prata e o ouro deste mundo nunca pode ser alguém que possui verdadeiras riquezas nos céus. *“Se, pois, não vos tornastes fiéis na aplicação das riquezas de origem injusta, quem vos confiará a verdadeira riqueza?”*

O ensino ministrado por nosso Senhor merece consideração séria e profunda em nossos dias. Na mente de alguns homens prevalece a ideia de que o cristianismo pode ser separado da honestidade diária e de que possuir sã doutrina pode encobrir a trapaça e o engano nas coisas práticas. Contra essa ideia perversa, as palavras de nosso Senhor eram um protesto evidente. Devemos vigiar e ficar alertas contra essa ideia. Vamos combater intensamente em favor das gloriosas doutrinas da salvação pela graça e da justificação pela fé; porém, jamais suponhamos que o verdadeiro cristianismo sanciona qualquer desprezo pela segunda tábua da lei. Em momento algum esqueçamos que a verdadeira fé sempre será conhecida por meio de seus frutos. Podemos estar certos de que, onde não existe honestidade, não existe a graça divina.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

7

Dia

A Neutralidade é Impossível; a Dignidade da Lei

Lucas 16.13-18

Vemos aqui quão inútil é tentar servir a Deus com um coração dividido. Nosso Senhor afirmou: *“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas”*.

À primeira vista, a verdade aqui demonstrada por Jesus parece bastante óbvia para discutirmos sobre ela. Portanto, a própria tentativa de servir a dois senhores, que nessa ocasião Ele declarou ser inútil, está constantemente sendo feita por muitos no que se refere à sua alma. Milhões de pessoas em todos os lugares estão sempre procurando fazer aquilo que Cristo afirmou ser impossível. Estão se esforçando para ser amigos do mundo e amigos de Deus ao mesmo tempo. Suas consciências estão iluminadas somente até ao ponto de sentirem que necessitam de uma religião. Suas afeições estão de tal modo acorrentadas aos prazeres terrenos, que nunca atingem a estatura de um verdadeiro cristão. Por isso, vivem em um estado de intranquilidade constante. Possuem muito conhecimento do cristianismo e isto os impede de serem felizes no mundo; têm muita amizade com o mundo, o que os impede de serem felizes em seu cristianismo. Em resumo, desperdiçam seu tempo labutando para fazer aquilo que Cristo disse que não pode ser feito. Esforçam-se para *“servir a Deus e às riquezas”*.

Aquele que deseja ser um crente feliz fará um grande bem a si mesmo, se ponderar a afirmação de Jesus. Não existe nenhum outro assunto em que a experiência de todos os santos de Deus é mais uniforme do que neste - a determinação é o segredo da tranquilidade no serviço de Cristo. É o crente de coração dividido que traz uma péssima notícia da terra que mana leite e mel. Quanto mais completamente nos entregamos a Cristo, tanto mais sensivelmente perceberemos em nosso íntimo *“a paz de Deus, que excede todo o entendimento”* (Filipenses 4.7). Quanto mais inteiramente vivermos, não para nós mesmos, mas para Aquele que morreu por nós, tanto mais intensamente compreenderemos o que significa ter *“gozo e paz no (...) crer”* (Romanos 15.13). Se realmente vale a pena servir a Cristo, sirvamo-lo com todo nosso coração, alma, entendimento e forças. Afinal de contas, a vida, a vida eterna, é o assunto que está em jogo, mais do que a nossa felicidade. Se não estamos dispostos a desistir de tudo por amor a Cristo, não podemos esperar que Ele nos receba como parte do seu povo no último dia. Ou Ele possui todo nosso coração, ou nada. *“Aquele (...) que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus”* (Tiago 4.4). O fim de um coração dúbio e não decidido é ser lançado fora para sempre.

Estes versículos nos ensinam que a estimativa dos homens em referência às coisas é amplamente diferente da estimativa de Deus. O Senhor Jesus fez uma severa repreensão aos avaros fariseus que dele escarneciam. Nosso Senhor disse: *“Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece o vosso coração; pois aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus”*.

A verdade se manifesta em todos os lugares. Precisamos apenas olhar ao nosso redor e identificar as coisas em que os homens colocam seu coração, para que a verdade ensinada aqui nos seja comprovada de muitas maneiras. Riquezas, honra, status e prazeres são os principais objetivos em busca dos quais grande parte da humanidade está vivendo. No entanto, estas são as coisas que Deus declara serem “*vaidades*” e nos adverte para que nos acautelemos de amá-las. Orar, ler a Bíblia, viver em santidade, o arrependimento, a fé, a graça de Deus, a comunhão com Ele são coisas com as quais os homens pouco se importam. Contudo, estas são as coisas que Deus, através da Bíblia, está sempre nos recomendando com insistência. A diferença é óbvia, estarecedora e dolorosa - aquilo que Deus julga ser bom, os homens acham ruim; aquilo que eles consideram ruim, Deus declara ser bom.

Qual das estimativas anteriores é a verdadeira e correta? Qual das opiniões prevalecerá no último dia? De acordo com que padrão todas as pessoas serão julgadas, antes de receberem a sentença eterna? Diante de que tribunal as opiniões prevalecentes no mundo serão testadas e avaliadas? Estas são as únicas perguntas que devem influenciar nossa conduta, e para elas a Bíblia oferece respostas claras. Somente o Conselho do Senhor permanecerá para sempre. Apenas a Palavra de Cristo será o instrumento de juízo dos homens no último dia. Pela palavra dele, devemos viver. Por meio dela, julgemos todas as coisas e pessoas neste mundo perverso. O que os homens pensam não deve nos importar, mas o que o Senhor diz. Pouco nos deve preocupar o que os homens, por costume e modismo, pensam, mas: “*Seja Deus verdadeiro e, mentiroso, todo homem*” (Romanos 3.4). Quanto mais completamente nossa mente estiver em harmonia com Deus, tanto mais preparados estaremos para o Dia do Juízo. Amar o que Deus ama, odiar o que Ele odeia, aprovar o que Ele aprova é a mais elevada forma de cristianismo. Quando nos encontramos honrando qualquer coisa que Deus reputa como insignificante, estejamos certos de que algo está errado em nossa alma.

Por último, estes versículos nos ensinam a dignidade e a santidade da lei de Deus. Nosso Senhor declarou: “*É mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til sequer da Lei*”. Cristo sempre defendeu o honrar a santa lei de Deus, durante o tempo de seu ministério terreno. Às vezes, nós o encontramos defendendo-a dos acréscimos estabelecidos pelos homens, como no caso do quarto mandamento. Às vezes, nós o vemos defendendo-a daqueles que desejavam minimizar o padrão de suas exigências e permitir que ela fosse transgredida, como no caso da lei do casamento. E nunca o encontramos falando sobre a Lei em qualquer outro sentido, exceto o de respeitá-la. Ele sempre engrandeceu a Lei, fazendo-a gloriosa (Isaías 42.21). A parte cerimonial da Lei era uma figura de seu próprio evangelho e seria cumprida literalmente. Sua parte moral era uma revelação da eterna mente de Deus e seria perpetuamente ordenada aos crentes.

A obediência à lei de Deus precisa continuamente ser defendida em nossos dias. Em poucos assuntos, a ignorância prevalece tanto entre os que professam ser crentes. Alguns parecem imaginar que não têm qualquer obrigação para com a Lei e que seus aspectos cerimonial e moral eram obrigações temporárias; desse modo, os sacrifícios diários no templo e os Dez Mandamentos foram ambos ab-rogados pelo evangelho. Alguns, por outro lado, acham que ainda estamos sob a obrigação da Lei e somos salvos por meio do obedecê-la, mas que seus preceitos foram amenizados pelo evangelho e podem ser satisfeitos por meio de

nossa imperfeita obediência. Ambos os pontos de vista são errôneos e sem fundamento bíblico. Estejamos alerta contra eles.

Gravemos em nossa mente a verdade de que *“a lei é boa, se alguém dela se utiliza de modo legítimo”* (1 Timóteo 1.8). A Lei tem o propósito de nos mostrar a santidade de Deus e a nossa pecaminosidade, convencer-nos do pecado, levar-nos a Cristo, mostrar-nos como viver depois que viemos a Cristo, ensinando-nos que atitudes devemos seguir e o que evitar. Aquele que dessa maneira utiliza a Lei descobrirá que ela é uma verdadeira amiga de sua alma. O crente bem firmado sempre dirá: *“No tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus”* (Romanos 7.22).

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?